

OS DESAFIOS DA VIDA DISCENTE EM TEMPOS PANDÊMICOS

LOS DESAFÍOS DE LA VIDA ESTUDIANTIL EN TIEMPOS DE PANDEMIA

THE CHALLENGES OF STUDENT LIFE IN TIMES OF A PANDEMIC

Fabiana de Freitas Poso¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0589-3031>

Marcus Vinicius Borges Silva²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4050-9824>

Bruno Andrade Pinto Monteiro³

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8933-5816>

Resumo:

O presente artigo apresenta uma análise dos discursos presentes no curso de extensão intitulado “A universidade pública vive: atuação transformadora em tempos pandêmicos” promovido pelo grupo de pesquisa Linguagens no Ensino de Ciências (Linec) em parceria com o canal do Grupo de Trabalho GT – Covid-19 UFRJ. O curso teve o intuito de aproximar o corpo docente, discente e os demais interessados em debates direcionados ao atual cenário pandêmico no Brasil, com vistas aos temas: o retorno das aulas em formato remoto e a saúde mental dos estudantes e dos outros integrantes da comunidade universitária. Os registros das interações no transcórre das atividades se deram por meio de formulários eletrônicos, enquetes virtuais, chats e trocas de mensagens por correio eletrônico. Para análise do material, utilizamos a Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (2002). Durante o curso, os participantes ponderaram sobre diversos temas, entre eles destacamos: as circulações de notícias falsas no ciberespaço, o negacionismo científico, o agravamento da crise financeira, o agravamento da saúde mental dos acadêmicos, a precarização da qualidade do ensino, a necessidade de adaptação quanto ao uso de tecnologias e como consequência a falta de preparo durante formação dos professores para atuarem à distância, a exclusão de alguns discentes do ensino remoto por conta da falta de equipamentos, adoecimento de familiares e precarização das condições socioeconômicas por conta do desemprego crescente e por fim, a constatação do processo de sucateamento que as universidades públicas vêm enfrentando.

¹ Doutora em Educação em Ciências e Saúde (Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ). Professora da SEEDUC e SME. E-mail: freitasfabiana396@gmail.com

² Doutorando em Educação em Ciências e Saúde (Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ). Mediador da Fundação Centro de Ciências e Educação Superior à Distância do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: marciusbiologo@gmail.com

³ Doutor em Educação em Ciências e Saúde (Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ). Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Saúde pela UFRJ. E-mail: bpmonteiro@gmail.com

Como referenciar este artigo:

POSO, Fabiane de Freitas; SILVA, Marcus Vinicius Borges; MONTEIRO, Bruno Andrade Pinto. Os desafios da vida discente em tempos pandêmicos. **Revista Pedagógica**, v. 25, p. 1-26, 2023.

DOI <http://dx.doi.org/10.22196/rp.v25i1.6977>

Palavras-chave: Ensino remoto. Saúde mental. Vida discente. Fake news. Negacionismo

Resumen:

Este artículo presenta un análisis de los discursos presentes en el curso de extensión titulado "La universidad pública vive: acción transformadora en tiempos de pandemia" promovido por el grupo de investigación Linguagens no Ensino de Ciências (Linec) en colaboración con el canal del Grupo de Trabajo GT - Covid-19 UFRJ. El curso tuvo como objetivo reunir a profesores, estudiantes y otros interesados en debates dirigidos al escenario actual de pandemia en Brasil, con miras a los temas: el regreso de las clases en formato remoto y la salud mental de los estudiantes y otros miembros de la comunidad universitaria. Los registros de interacciones en el transcurso de las actividades se realizaron a través de formularios electrónicos, encuestas virtuales, chats e intercambios de mensajes por correo electrónico. Para analizar el material, utilizamos Content Analysis de Laurence Bardin (2002). Durante el curso, los participantes reflexionaron sobre varios temas, entre ellos destacamos: la circulación de noticias falsas en el ciberespacio, el negacionismo científico, el recrudecimiento de la crisis financiera, el recrudecimiento de la salud mental de los académicos, la precariedad de la calidad de la educación, la necesidad de adaptación en cuanto al uso de tecnologías y, como consecuencia, la falta de preparación durante la formación de los docentes para trabajar a distancia, la exclusión de algunos alumnos de la docencia a distancia por falta de equipamiento, enfermedad de familiares y la precariedad de las condiciones socioeconómicas por el desempleo y, por último, la constatación del proceso de desguace que vienen afrontando las universidades públicas.

Palabras clave: Enseñanza a distancia. Salud mental. Vida de estudiante. Noticias falsas. Negacionismo

Abstract:

This article presents an analysis of the discourses present in the extension course entitled "The public university lives: transforming action in pandemic times" promoted by the research group Linguagens no Ensino de Ciências (Linec) in partnership with the channel of the Working Group GT - Covid-19 UFRJ. The course was intended to bring together the faculty, students and others interested in debates aimed at the current pandemic scenario in Brazil, with a view to the themes: the return of classes in remote format and the mental health of students and other members of the university community. The records of interactions in the course of activities took place through electronic forms, virtual polls, chats and exchanges of messages by electronic mail. To analyze the material, we used Laurence Bardin's Content Analysis (2002). During the course, the participants pondered on several topics, among them we highlight: the circulation of fake news in cyberspace, scientific denialism, the worsening of the financial crisis, the worsening of the mental health of academics, the precariousness of the quality of education, the need of adaptation regarding the use of technologies and, as a consequence, the lack of preparation during the training of teachers to work at a distance, the exclusion of some students from remote teaching due to the lack of equipment, illness of family members and the precariousness of socioeconomic conditions due to unemployment and finally, the verification of the scrapping process that public universities have been facing.

Keywords: Remote teaching. Mental health. Student life. Fake news. Denialism

INTRODUÇÃO

Em 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que o surto da doença causada pelo novo coronavírus, COVID-19, constituía uma Emergência de Saúde Pública de Importância Mundial (ESPII); o que caracterizaria, de acordo com Vasques e Oliveira (2020), a maior pandemia dos últimos 100 anos. No entanto, a população brasileira enfrentou diversas ações diretas do governo federal que minimizaram a real gravidade da doença.

Outro aspecto a ser discutido, foi o aumento do desemprego no Brasil, que segundo os dados do IBGE, no primeiro trimestre do ano de 2020 somavam 13,5 milhões. Assim, uma das medidas tomadas pelo Governo Federal foi a criação do Auxílio Emergencial para ajudar as pessoas em situação de vulnerabilidade social.

Apesar da criação desse auxílio, houve um aumento nas despesas pessoais devido a inflação e a conseqüente elevação dos preços dos itens de necessidade básica, deixando a população completamente desamparada. Desta forma, as desigualdades sociais foram acentuadas, mostrando que metaforicamente, estamos em embarcações diferentes neste mesmo mar revolto; ou seja, o vírus atinge a todos, porém com proporções socioeconômicas categoricamente desiguais.

Devido a crise sanitária presente no país, as universidades aderiram ao ensino remoto para dar continuidade aos seus trabalhos. No entanto, este mesmo ensino promoveu um distanciamento das relações interpessoais, facilitando um cenário mais propício para as complicações de saúde mental. Ressaltamos neste sentido, embasados em Ramires (2003), que somos seres sociais e que precisamos estabelecer vínculos que possibilitem nosso crescimento pessoal e cognitivo.

Além disso, destacamos o quanto foi acentuado o número de cortes orçamentários feitos pelo Governo Federal no que seria destinado às pesquisas e ao funcionamento da universidade como um todo; embora este sucateamento das mesmas já fosse anterior ao período da pandemia.

Frente a este cenário, este trabalho teve por escopo compreender como os alunos da universidade se adaptaram ao ensino remoto e os impactos que a pandemia provocou à saúde mental dos mesmos.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

Ao considerarmos os desafios enfrentados tanto pela Universidade quanto pelos discentes, temos às drásticas mudanças nos sistemas educacionais sem o devido planejamento. Ao abordarmos a vida discente, temos que compreender a ruptura repentina de suas atividades rotineiras para uma adaptação abrupta e sem uma estrutura adequada. Viver com as incertezas e os medos que a Pandemia da COVID-19 trouxe, abalaram toda a base para um bom desenvolvimento discente. Lidar com a rotina de estudos, pesquisas, trabalho e família passaram a ser desafios constantes, em especial para as mulheres, que por muitas vezes assumiram solitariamente a adversidade de todas essas atividades em conjunto.

Dessa forma, a principal preocupação com os discentes teve de ser a importância da qualidade de vida, que para a Organização Mundial de Saúde (OMS) é definida como:

a percepção de um indivíduo sobre sua posição na vida no contexto da cultura e sistemas de valores em que vive e em relação a seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações. É um amplo conceito abrangente que incorpora de forma complexa a saúde física, o estado psicológico, o nível de independência, relações sociais, crenças pessoais e suas relações com o meio Ambiente (1998, p. 11).

Ao tratarmos da temática da qualidade de vida discente temos que retomar um pouco antes da pandemia para realizarmos um paralelo com a atual situação. Em estudos sobre qualidade de vida dos estudantes de primeiro e último período de graduação, Bardagi e Hutz (2005) destacam que um baixo escore de qualidade de vida, de ambos os períodos, pode ser um indicador de que o estudante necessita de encaminhamento para acompanhamento emocional, principalmente os ingressantes, com intuito de orientá-los e acolhê-los.

A constatação desses autores torna-se assustadora ao se pensar em qualidade de vida em meio à uma pandemia e o desafio de como integrar as necessidades educacionais frente aos riscos socioemocionais dos ingressantes e concluintes de uma graduação ou

pós-graduação. Assim, a universidade deve estar atenta não somente ao desenvolvimento acadêmico de seus discentes, mas principalmente na qualidade de vida, que influenciará todos os aspectos desse futuro profissional.

De acordo com uma pesquisa realizada pelo Fórum de Pró-reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (FONAPRACE, 2018), dentre 424.128 estudantes, 34% citaram a carga horária excessiva de trabalho como principal situação que interfere no desenvolvimento acadêmico, 25,1% o nível de exigência (carga elevada de trabalhos acadêmicos) e 23,6% dificuldades financeiras. Destaca-se nesse relatório os problemas emocionais ou no campo da saúde mental que atingiram 23,7% do público pesquisado, sendo 28,6% do sexo feminino e 17,7% do sexo masculino.

Esses dados apresentados certamente foram impactados fortemente devido a pandemia, conforme podemos observar nesta pesquisa. Desta forma concordamos com Colares (2008) que é necessária uma mudança de comportamento docente, para um compromisso institucional com os diversos fatores que favoreçam a realização de uma educação superior e as exigências sociais de preparação para o exercício de uma cidadania alicerçada em princípios éticos de respeito à diversidade e de inclusão irrestrita.

Nóvoa (2020) destaca que não podemos transformar a “anormalidade” da presente crise em normalidade e que o uso extensivo da “educação à distância” não pode considerar que o futuro da educação passe pelo retraimento ou clausura em espaços domésticos ou privados extensivo da “aprendizagem à distância”, que considera uma lógica de mercantilização pondo fim a educação como bem público. Assim o autor compreende que após o período de crise Pandêmica,

Os espaços-tempos escolares devem ser reorganizados, construindo novos ambientes coletivos de aprendizagem (novos ambientes educativos), que sejam também capazes de valorizar a Capilaridade, isto é, a existência de possibilidades educativas em muitos outros espaços de cultura, de conhecimento e de criação (Nóvoa, 2020,p.9).

Concordamos com Santos (2020) ao afirmar que se por um lado o ensino remoto tem deixado marcas positivas como boas dinâmicas curriculares que emergem em alguns espaços e rotinas de estudo e encontros durante a pandemia; por outro lado, as marcas negativas são as repetições de modelos massivos que subutilizam os potenciais da cibercultura na educação, causando tédio, desânimo e muita exaustão física e mental de

professores e alunos, destacando os relatos de adoecimentos físicos e mentais, além de causar traumas e reatividade a qualquer educação mediada por tecnologias.

2 ANÁLISE DE CONTEÚDO

A análise de conteúdo (AC) é compreendida como uma reunião de técnicas com procedimentos sistemáticos que apresentam por escopo extrapolar as incertezas e realizar inferências a fim de extrair um sentido desmedido concedido pelo locutor na construção do texto (ROCHA, DEUSDARÁ, 2005). Nesta perspectiva, ela tenciona a assimilação de uma realidade visível, assim como de uma realidade invisível que pode ser evidenciada somente nas “entrelinhas” do texto.

A AC, de acordo com Bardin (2002), desdobra-se em três etapas: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados.

A pré-análise consiste na etapa em que se prepara o conteúdo a ser investigado com a finalidade de torná-lo operacional. Nela, ocorre a leitura flutuante (primeira compreensão das mensagens contidas nos dados), a escolha dos documentos que irão compor o *corpus* e a formulação de hipóteses. (MOZZATO; GRZYBOVSKI, 2011).

Na exploração do material, o *corpus* estabelecido deverá ser estudado de forma aprofundada. Os dados são transformados e reunidos em unidades de registro para que não se dissipem perante a multiplicidade do material a ser analisado, num processo designado codificação. Ele possibilita o agrupamento posterior, segundo suas afinidades, em categorias ou subcategorias num procedimento denominado de categorização, com o comprometimento em alvejar o conhecimento do todo a ser investigado. (MENDES; MISKULIN, 2017)

Em sequência, o analista prossegue por meio das inferências e interpretações, não se limitando à descrição, mas intentando embasar a sua compreensão com situações tangíveis da conjuntura histórica e social da produção e recepção da mensagem (CAMPOS, 2004).

3 METODOLOGIA

O curso de extensão intitulado “A universidade pública vive: atuação transformadora em tempos pandêmicos” ocorreu de 17 a 23 junho de 2020 a partir das ações do grupo de pesquisa Linguagens no Ensino de Ciências (Linec) em parceria com o canal do Grupo de Trabalho GT – Covid-19 da UFRJ campus Macaé. Ele teve os seguintes objetivos: aproximar professores, pesquisadores, estudantes e demais interessados, promovendo debates e compartilhando estratégias em torno dos dilemas enfrentados em tempos pandêmicos; socializar pesquisas e ações conduzidas pela universidade pública; fortalecer a interlocução e cooperação entre grupos de pesquisa e grupos extensionistas; oportunizar aos estudantes um espaço de fala para exporem seus dilemas, dificuldades e estratégias de enfrentamento da crise durante a quarentena.

Foi realizado de forma remota e aberto à comunidade, contando com a participação de 270 concluintes, em sua maioria, compostas por professores da educação básica e superior e licenciandos de diversas áreas.

No segundo dia de curso, tivemos a videoconferência transmitida no *YouTube* denominada “Os desafios da vida discente em tempos pandêmicos”. Ela foi palestrada por discentes de graduação e pós-graduação e mediada por dois docentes da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Pensando no atual cenário de incertezas, a atividade buscou compreender como os cursistas estavam se adaptando aos impactos dessa pandemia em suas vidas profissionais e/ou acadêmica e quais os aspectos do debate que mais chamaram a atenção. Desta forma, foi pedido aos participantes que preenchessem um formulário via *Google forms*, obtendo um total de trezentos e cinco respostas.

Diante deste material, fizemos uma leitura flutuante inicialmente para nos familiarizarmos com os textos. Posteriormente as elocuções foram categorizadas de acordo com a análise de conteúdo de Laurence Bardin (2002). Da primeira pergunta (como você está se adaptando aos impactos dessa pandemia na sua vida profissional e/ou acadêmica?) emergiram 6 categorias conforme a tabela 1 abaixo.

Tabela 1: Categorias emergidas na primeira questão

Número	Descrição
1	Adquirir conhecimento
2	A escrita acadêmica

3	Adaptações ao uso de tecnologias
4	Uma nova rotina
5	A busca por informações confiáveis
6	A crise financeira

Elaborado pelos autores (2022)

Na segunda questão (comente os assuntos ou aspectos do debate que mais lhe chamaram a atenção), surgiram 9 categorias, conforme tabela 2.

Tabela 2: Categorias emergidas na segunda questão

Número	Descrição
1	Saúde mental
2	A inclusão dos discentes
3	A realidade das mulheres estudantes
4	A questão da produtividade
5	O sucateamento das universidades
6	Dificuldade dos professores em adaptarem suas atividades para o formato EaD
7	A qualidade do ensino
8	União entre os discentes
9	A interação entre a universidade e a população

Elaborado pelos autores (2022)

A seguir, passamos para a etapa das inferências e interpretações sobre os dados.

4 O DEBATE

O debate encetou com a licencianda em Química da UFRJ campus Macaé, diretora do DCE e militante do movimento Correnteza, falando sobre os desafios comuns à comunidade acadêmica e à sociedade brasileira acerca da crise política e sanitária que estamos vivenciando. Pontuou o contágio rápido e o alto índice de pessoas morrendo; aliado a isto, o vultoso número de indivíduos que desrespeitam a quarentena acerca da orientação dos profissionais de saúde.

Esta colaboradora seguiu falando sobre o maior desafio estar relacionado ao governo atual com um projeto de sucateamento da rede pública de ensino, o ataque à pesquisa e à privatização das universidades públicas.

Foi considerada a aflição de alunos que não possuem acesso à internet de qualidade e um equipamento adequado para estudo. Sem contar as dificuldades financeiras por

conta da supressão do emprego dos seus respectivos familiares. Acrescentando a isto, há ainda a questão de muitos discentes conviverem em uma casa com poucos cômodos e um grande número de pessoas na mesma. Desta forma, enunciou que há diferentes níveis de dificuldades a serem enfrentadas e que ela enquanto diretora há duas gestões do DCE Mário Prata, coletivamente teve longas reuniões e seminário de gestão para construir um projeto que dialogasse com as necessidades destes estudantes.

Acentuou que o segundo desafio seria de considerar que não basta apenas começar as atividades remotas, apenas garantir o acesso às disciplinas, mas manter a qualidade da educação, tendo em vista a importância desta universidade pública. Considerando-se também, sinalizou a palestrante, que a grande maioria dos professores não apresentava formação para atuação em educação à distância.

O terceiro desafio abarcou o tema da assistência estudantil. A colaboradora apresentou um dossiê contendo os problemas e soluções, levando em consideração a diversidade de 54000 estudantes, em que muitos são racializados, apresentam baixa renda, moram em área de conflito entre o tráfico e a polícia e que não apresentam acesso à tecnologia, nem tão pouco à internet de banda larga.

Em seguida, destacou o último desafio dizendo respeito à saúde mental, levando em consideração a questão financeira, a incerteza, o medo de perder parente próximo e a falta de estabilidade que afetava diretamente a vida de cada estudante. Neste sentido, foram feitas reivindicações, levando em pauta a questão psicológica do discente, debatendo, por exemplo, a necessidade de carga horária mínima e a possibilidade de trancamento das disciplinas em qualquer momento.

Em sequência, tivemos a participação de uma doutoranda em Educação em Ciências e Saúde pelo Nutes (UFRJ), participante do coletivo Magdas Migram (mulheres migrantes no Rio de Janeiro) e do Centro do Teatro do Oprimido. Essa segunda colaboradora reforçou a fala da primeira ao mencionar a importância deste espaço que nem sempre os/as estudantes possuem. Disse que para analisar os desafios deste tempo seria importante olhar para um cenário macro, pois antes da pandemia, já estávamos vivendo uma crise política, social e econômica muito forte. Marcas de uma necropolítica do atual governo, materializadas pela falta de financiamento do setor público.

A palestrante foi além do momento conjuntural para ponderar acerca do projeto de universidade que queremos. Assim, sinalizou a necessidade de descolonizar a universidade pública, de estar mais aberta à população e produzir conhecimento desde o Sul Global.

Houve o destaque também para a questão da saúde mental que antes mesmo da pandemia já se encontrava crítica, frente à pressão psicológica que na pós-graduação tem de se enfrentar em termos de produtividade, reproduzindo uma lógica mercantilista. Nesta perspectiva, esclareceu que é o momento de pensar as ações que estão sendo impostas, a reprodução desta lógica gerencialista e para quem estes alunos estão produzindo ciência.

Pontuou a atual sobrecarga de trabalho, a quantidade de horas em frente a uma tela de computador com reuniões e atividades, aos problemas enfrentados por mulheres estudantes que precisam equilibrar sua rotina doméstica com sua formação acadêmica, gerando uma certa vulnerabilidade.

Reforçou as observações feitas pela primeira palestrante a respeito da falta de acessibilidade por cerca de 10000 estudantes da UFRJ à internet ou equipamentos de informática. Questionou se quando falamos em ensino remoto nos atentamos à formação destes professores do ensino superior quanto ao letramento digital.

Salientou situações específicas como a perda de emprego de alguns estudantes, o fato de estarem procurando emprego e não conseguirem acessar uma possível aula remota e a condição de imigrante, pois muitos não conseguiram retornar às suas casas.

Criticou a assistência estudantil de muitos programas por não olharem os indivíduos de forma integral e diversa; não fornecendo, por exemplo, suporte emocional. Desta forma, reiterou que não podemos pensar a universidade apenas como instituição de ensino, mas que precisa ser atinente frente a estas questões que envolvem a situação do seu corpo social, discentes, docentes e técnicos.

Por fim, destacou as atuações da UFRJ no que tange ao desenvolvimento científico na realização de testes, na atuação em redes de apoio emocional, promovendo GTs para confecção de material didático e alguns grupos encarregados de ajuda humanitária.

Posteriormente, um terceiro colaborador, estudante de Licenciatura em Ciências Biológicas na UFRJ Macaé, conselheiro do meio ambiente do município de Macaé e representante da sociedade civil do comitê de bacias hidrográficas dos Rios Macaé e Ostras, prosseguiu com o debate sinalizando alguns desafios: manter uma rotina,

apreensão pelo futuro, os efeitos psicológicos do isolamento social, o acesso remoto e a ansiedade.

Ele mencionou os atuais momentos sombrios tanto de enfrentamento da pandemia quanto as determinações do governo que acabam por atropelar as recomendações da OMS. Apresentou duas reportagens, uma da gripe espanhola em 1918 e outra da Covid-19 em 2020. Desta forma, comparou as duas situações acerca do isolamento social, da quantidade de mortos, das *fake News*, dos conflitos de informações, das inseguranças e incertezas.

Dissertou os múltiplos ataques que a universidade vem sofrendo; assim como os cortes nos investimentos. Não obstante, convergiu estas informações com a importância da mesma em tentar solucionar a atual situação e responder para a sociedade.

O debatedor aproveitou para externar o fato de a universidade não ter parado as suas atividades durante o isolamento. Neste sentido, descreveu sobre sua participação na liga de neurociências (na qual recebia estudantes para visitação, com um primeiro contato com a universidade e conhecendo os órgãos anatômicos), estratégias do uso racional de medicamentos, a divulga o dos projetos no *Instagram* (@neuroimuno, Macromoléculas para Saúde e Estratégias do Uso Racional de Medicamentos) com linguajar mais didático e acessível, *lives* no *YouTube* e aula aberta para toda a comunidade acadêmica.

Este debatedor finalizou dizendo que as atividades presenciais são insubstituíveis, que o contato com o professor é importante e que o ensino-aprendizagem é feito de forma mútua.

5 RESULTADOS E DISCUSS ÕES

Na primeira questão, ocorreu uma preeminência por pondera es acerca do aproveitamento deste tempo em casa para adquirir conhecimento por meio de *lives*, minicursos e eventos.

Quadro 1: Adquirir conhecimento.

A pandemia da Covid 19 está afetando a população de várias formas, tanto fisicamente quanto psicologicamente. A busca por atividades que venham à suprir os danos causados pela pandemia, é o que venho fazendo. Diariamente tento ocupar a mente com cursos online, vídeos educativos e atividades que me auxiliam profissionalmente, além da leitura de alguns textos e artigos científicos. (PARTICIPANTE 61)

Estou ficando o máximo de tempo possível em casa, saio somente por necessidades. Para ocupar meu tempo estou participando de eventos e grupos de estudos online, também estou fazendo uma horta no quintal, para amenizar os impactos do isolamento social. (PARTICIPANTE 83)

Elaborado pelos autores (2022)

Ou para dar prosseguimento aos seus projetos de pesquisa:

Quadro 2: A escrita acadêmica.

Sou estudante de doutorado, muito do meu trabalho é de bancada, estou aproveitando a quarentena para poder analisar os resultados que já tenho; além de poder aproveitar diversos webinar e cursos que são feitos de forma remota. (PARTICIPANTE 43)

Elaborado pelos autores (2022)

Diante da mudança das relações interpessoais, do caos na economia e das incertezas com o futuro, poderia culminar o desencadeamento de depressão e ansiedade em boa parte da população. Neste sentido, a preocupação com a saúde mental foi se intensificando e a rotina neste período de quarentena foi se alterando mediante as primordialidades individuais.

Sobre esta questão também paira a ideia de competitividade e de produtividade (que inclusive foram discutidas ao longo do debate); além da necessidade de estar constantemente se integrando aos novos sistemas de trabalho e novas aprendizagens e construir outras habilidades e competências para além das adquiridas na formação inicial, pois em consonância com Pimenta (2005), a identidade profissional não é um dado imutável, mas construído ao longo da vida.

Nesta perspectiva, diante do novo contexto, os cursistas salientaram os ajustes que tiveram que fazer em suas práticas profissionais e/ou acadêmicas, adaptando-as ao uso das tecnologias.

Quadro 3: Adaptações ao uso de tecnologias.

Novas rotinas foram inseridas nas nossas vidas. Fui direcionado a aprender a lidar com novas tecnologias. Toda via, no meu caso, estar em quarentena foi uma oportunidade e possibilidade de reconstrução do conhecimento. (PARTICIPANTE 90)

Elaborado pelos autores (2022)

Os professores além destas questões acentuadas precisaram assumir um leque de atribuições como a adaptação dos planos de aula, gravação de videoaulas, produção de material audiovisual, participação em capacitações para o ensino remoto, comunicação com os discentes a partir de ferramentas desconhecidas (BEZERRA et al., 2020).

Acrescentamos ainda que frente a todas estas questões, tiveram suas atividades controladas e a perda de alguns princípios garantidos pela Constituição Federal, como a liberdade de ensino, o pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas.

Outro aspecto destacado foi o estabelecimento de uma rotina diária:

Quadro 4: Uma nova rotina

Não é possível ter todas as informações com a mesma agilidade e praticidade de outrora, mas é possível criar novas rotinas e novos hábitos. Inclusive, recorrendo a um "planner" de atividades. Assim, com dedicação e persistência, procuro transpor algumas limitações técnicas. Aliado a isso, assistir palestras e mini-cursos sobre o cenário atual, ler sobre experiências viáveis, (re) ver e (re) criar estratégias facilitadoras para o desenvolvimento e realização do trabalho. (PARTICIPANTE 14)

Elaborado pelos autores (2022)

Reorganizar a rotina pode facilitar a lidar melhor com esta anomia, pois de acordo com Dias (2020), passar o dia de pijama, comendo mais ou acordando mais tarde, no início pode trazer uma sensação de alívio, mas com o tempo ocasionar consequências para a saúde mental. Assim, é necessário equilibrar as obrigações profissionais, os compromissos, os cuidados com os filhos, as atividades físicas e de relaxamento, prestando atenção às próprias necessidades.

Foram também recorrentes entre os participantes, as menções sobre o cuidado com a fonte de informações em vista das notícias falsas, que muitas vezes interferiu

diretamente na conduta da população, atrapalhando inclusive as campanhas de prevenção e estimulando um sentimento de descrédito de qualquer afirmação recebida.

Quadro 5: A busca por informações confiáveis.

Tem sido um desafio, tenho buscado recursos remotos para manter-me atualizada e informada academicamente e socialmente. (PARTICIPANTE 1)

Buscando informações de fontes seguras, participando de lives e projetos para que possa me sentir produtiva e adquirir conhecimento nessa fase em que somos bombardeados de notícias falsas e ficamos tristes com toda realidade. (PARTICIPANTE 96)

Elaborado pelos autores (2022)

De acordo com Galhardiet et al. (2020), o WhatsApp é o principal meio de compartilhamento das desinformações sobre a pandemia (73,7%), seguido do Facebook (15,8%) e do Instagram (10,5%). Elas estiveram relacionadas em sua grande maioria à preparação de métodos caseiros para prevenção (65%), procedimentos para cura (20%); e golpes com menções de que o dinheiro arrecadado seria para financiar pesquisas (5%).

Ressaltamos que a verdade é única em relação à mentira que é infinita, principalmente quando se consegue um conjunto de pessoas que corroborem com esta versão. Enfatizamos também que o WhatsApp é um dos dispositivos mais utilizado no mundo, sendo acessível para pessoas semiletradas, não precisando de uma faixa larga de banda e transmitindo confiança (pois há pessoas próximas difundindo as elucidações). Desta forma, existe um núcleo que produz a mentira até chegar nestes indivíduos que não tinham a intenção de disseminá-la. E esta informação mentirosa, feita de forma intencional para obter vantagem econômica, enganar deliberadamente alguém e prejudicar o interesse público, deixa as pessoas inseguras, sem saberem o que devem fazer.

Há que se ressaltar a crise financeira que assolou boa parte da população, fazendo com que estes tivessem que reinventar outras formas de viver:

Quadro 6: A crise financeira.

Trabalho com arte independente, atuando na área da cultura de rua, então tem sido um momento muito delicado já que não podemos estar na rua. Estamos tentando criar redes de apoio para diminuir os impactos financeiros e discutido formas de manter o máximo uma boa saúde mental. Tendo em vista que a cultura urbana carrega um teor político muito forte, tem sido muito difícil e desgastante manter essa voz ativa nas redes sociais, já que estamos sofrendo diariamente com a censura. Na vida acadêmica, tenho tentado ao máximo estar presente, buscando conhecimento e formas de me aprofundar nos debates gerados no atual cenário pandêmico. (PARTICIPANTE 36)

Elaborado pelos autores (2022)

A economia se desacelerou significativamente, o desemprego se expandiu e a renda de várias famílias diminuiu devido às medidas de isolamento social. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD, 2019), em dados precisos, podemos afirmar que 14 milhões de brasileiros estavam desocupados na quarta semana de setembro de 2020. Cabe evidenciar que frente a estas questões, segundo Henriques e Vasconcelos (2020), não foi efetuado nenhum plano por parte do governo federal a fim de reorientar a economia.

Na segunda questão, ocorreu um predomínio de menções sobre o aspecto da saúde mental, conforme destacado no excerto a seguir:

Quadro 7: Saúde mental.

Um assunto muito interessante abordado foi acerca dos principais desafios da vida discente com relação ao retorno das aulas, não podemos deixar que nenhum estudante fique para trás nesse processo de adaptação em que tentamos uma regulamentação de ensino das atividades remotas de ensino e que temos que levar em consideração a pluralidade do corpo discente e a saúde mental desse estudante. Além disso, o debate foi muito engrandecedor, pois consegui perceber que muitos desafios que estamos enfrentando estão relacionados ao próprio psicológico, que nesse momento, se encontra afetado com diversas notícias, e ainda que, por mais necessário pareça continuar as atividades, cada um tem um tempo e uma forma de reagir; portanto devemos nos respeitar e respeitar o momento alheio. (PARTICIPANTE 41)

Elaborado pelos autores (2022)

Compreendemos ser imprescindível o apoio emocional para os discentes e docentes, pois a Covid-19 acometeu a saúde mental de boa parte da população acadêmica por várias questões, como o distanciamento dos laços afetivos, interrupções de alguns projetos de pesquisa e estágio supervisionado, medo de infecção, infodemia dos dados, a mudança brusca da rotina, o tédio, o agravamento das dificuldades financeiras, o descaramento de vulnerabilidades, a ansiedade sobre quando seria o retorno das aulas presenciais e adaptações ao Ensino Emergencial Remoto. Destarte, pode-se observar muitas vezes a manifestação de sintomas que, segundo Ornel et al. (2020), podem ter efeitos mais duradouros que a própria pandemia, como medo, insegurança, depressão, ansiedade, estresse, irritabilidade e insônia.

Assim, baseados em Rodrigues et al. (2020), entendemos a necessidade do estabelecimento de núcleos de apoio; além de laços de solidariedade, empatia, respeito e inclusão dos que não foram devidamente agregados por algum motivo a este novo formato de ensino.

Foi pensando nestas questões que podemos destacar a seguinte enunciação:

Quadro 8: A inclusão dos discentes.

Em primeiro lugar destaco a importância de um curso que se propõe a debater o papel da universidade se preocupar em convidar estudantes para este diálogo. Muitos pontos pertinentes emergem destas vozes, que num contexto de pensar uma pluralidade (a partir de muitas vozes) e considerando a fala do encontro anterior que destacou como um dos princípios da universidade pública o respeito à democracia: a necessidade de não deixar ninguém pra trás - que implica entender que cada caso é um caso. Neste sentido, cada estudante apresenta suas próprias dificuldades relacionadas às suas próprias vivências e subjetividades - assim, esta universidade que se propõe ser plural precisa dar conta de compreender que junto com essa injustiça pandêmica (que coloca diferentes sujeitos em diferentes posições e vulnerabilidades diante do cenário pandêmico) também se expressa numa injustiça social que também se revela por questões de infraestrutura e de luta pela sobrevivência, que é agravada nos casos de estudantes provenientes de periferias. (PARTICIPANTE 59)

Elaborado pelos autores (2022)

Externalizamos que de acordo com a PNAD Contínua (IBGE, 2020), um em cada quatro brasileiros não tem acesso à internet; ou seja, em números absolutos, representa cerca de 46 milhões de pessoas. Há que se mencionar que mesmo os que apresentam banda larga de internet, muitos não têm computadores, o que poderia também fazer com que estivessem excluídos de muitas atividades, no que podemos chamar de Apartheid Digital (FERREIRA, 2020). Não obstante, ainda há os que possuem apenas um equipamento e que precisam dividir com outras pessoas da família e os que não desenvolveram as competências do uso das tecnologias.

Esse levantamento é ainda mais crítico quando se trata da população que vive no campo ou quando relacionado às questões raciais. Como exemplo, observa-se que segundo os mesmos dados do IBGE de 2020, dos negros/as que navegam na internet, 65% fazem uso exclusivo pelo celular, estando em conformidade com Silva, Neto e Santos (2020), que destacam a ideia de que as adoções destas práticas de ensino que designam como pilar o uso de tecnologias é mais excludente do que inclusiva.

Uma parcela significativa dos estudantes também não teria como acompanhar as aulas remotas por não disporem de espaço adequado para estudos, com excesso de movimento e barulho, por terem poucos cômodos e muitos integrantes na casa.

A falta de silêncio comprometeu também a vida das mulheres com filhos pequenos, ocasionando uma queda de artigos científicos assinados por elas durante o período pandêmico (CANDIDO; CAMPOS, 2020). Esta dupla jornada também pode ser observada como destacado no trecho a subsequente:

Quadro 9: A realidade das mulheres estudantes.

O debate foi muito interessante, o que mais me chamou atenção foi um aspecto que ainda não tinha pensado que a palestrante trouxe, a realidade de muitas mulheres com filhos, marido e tendo que trabalhar e conciliar o estudo com essas diversas funções, além de cuidar de casa e das crianças, manter seu trabalho. (PARTICIPANTE 101)

Elaborado pelos autores (2022)

Ressaltamos que embora a desigualdade de gênero tenha se acentuado em decorrência da pandemia de coronavírus, este é um problema histórico, social e recorrente. As mulheres se deparam com o conflito da maternidade, da atenção e obrigação com a família e das exigências da vida acadêmica. De acordo com Silva e Ribeiro (2014), elas precisam conviver com a consciência duplamente culposa: por não conseguirem se dedicar integralmente aos seus filhos e por não granjearem a produtividade da pesquisa.

Aproveitando este tópico, houve a menção do imperativo da produção acadêmica:

Quadro 10: A questão da produtividade.

Foram pontuados vários aspectos que debatemos bastante no grupo de pesquisa: descolonizar a universidade; produzir conhecimento a partir do Sul Global; a pressão da universidade por produtividade, reproduzindo uma lógica mercantilista. Além disso, mencionou sobre o equilíbrio entre a produção e a saúde mental, a questão do planejamento com um horário para o lazer. A live trouxe importantes considerações em que me vi em várias abordagens enquanto mãe, professora e aluna. Parabéns a mesa!!! (PARTICIPANTE 95)

Elaborado pelos autores (2022)

Os pontos estabelecidos pela CAPES como critério para avaliação dos programas de pós-graduação e o Currículo Lattes impõem um ritmo de vida acelerado, corrompendo com o princípio da livre reflexão e pressionando os pesquisadores a produzirem mais em curto

espaço de tempo; reproduzindo assim, uma lógica mercantilista (ROSA, 2008). Nesta perspectiva:

Temos com isso a criação de um antagonismo fundamental, que servirá de justificativa para os mecanismos de pressão institucional derivados dessa lógica: o “rápido” como sinônimo de normal, de produtivo, moderno e eficiente versus o “lento” como sinônimo de anormal, de improdutivo, atrasado e ineficiente. (ROSA, 2008, p. 110)

No entanto, compreendemos que em vista deste controle e avaliação para a acreditação acadêmica, a qualidade da pesquisa pode ficar comprometida, a sua finalidade pode ser desvirtuada e a saúde dos pesquisadores pode ficar prejudicada. Neste sentido, este controle nos remete ao poder disciplinar destacado por Foucault (1987), que busca normalizar os agentes, punindo os desviantes e recompensando os que se enquadram ao padrão pré-estabelecido (ROSA, 2008).

Embora com crescentes e contínuas cobranças, há que se destacar os cortes frequentes de bolsas de pós-graduandos, (penalizando especialmente os programas mais novos e com conceito 3 e 4), o sucateamento das universidades públicas e a desvalorização da pesquisa por parte do atual governo:

Quadro 11: O sucateamento das universidades.

O que me chamou bastante atenção foram os desafios enfrentados pelos discentes; desafios que já existiam antes da pandemia, mas que foram expostos agora. Um dos desafios que cresce a cada dia é o sucateamento das Universidades Federais e Estaduais. Esse sucateamento compromete o ensino e o aprendizado dos alunos. (PARTICIPANTE 61)

Elaborado pelos autores (2022)

A precarização das universidades tomou destaque após o incêndio provocado no Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro em 2018, dizimando na quase totalidade o acervo histórico e científico organizado ao longo de quase 200 anos. Afeta professores, estudantes, técnicos administrativos, empresas terceirizadas e a população de uma forma em geral que se beneficia, por exemplo, dos projetos de extensão, das pesquisas e dos atendimentos nos hospitais universitários. Além disso, obriga muitos estudantes intercambistas a abandonarem seus projetos e retornarem aos seus países de origem.

Como dizia Darcy Ribeiro, “A crise da educação no Brasil não é uma crise; é um projeto”, pois esta agrura orçamentária que assola as universidades federais e estaduais, em virtude da falta de repasse de recurso do governo favorece o desmonte do ensino superior e a conseqüente privatização destas universidades.

Outro ponto destacado pelos participantes esteve relacionado com a falta de preparo na formação dos professores para atuarem à distância:

Quadro 12: Dificuldade dos professores em adaptarem suas atividades para o formato EaD.

Como discente da UFRJ Macaé, além das dificuldades dos alunos perante ao ensino remoto. O que chamou atenção foi a divulgação de projetos que não conhecia com os da Laneumac que dão continuidade remotamente. Assim como a parte que o palestrante citou, que além de todas as dificuldades dos alunos, os docentes têm que adaptar um plano pedagógico de um curso presencial para um formato de aula remota. (PARTICIPANTE 28)

Elaborado pelos autores

Desta forma, como já dissertado na primeira questão, a adaptação do docente a este novo cenário abarcou uma série de fatores como a familiarização como uso de tecnologias digitais, a preocupação com a iluminação, câmera e áudio, o planejamento e execução de atividades no ambiente virtual, a avaliação da aprendizagem de acordo com este novo formato de ensino e mudar as estratégias caso forem necessárias a partir das informações dos instrumentos avaliativos (DIAS; PINTO, 2020). Somada a estas questões ainda está o fato do professor do Ensino Superior ter estado envolvido neste período em vários eventos, defesas, avaliações de artigos para revistas, reuniões e palestras on-line; suscitando num aumento da carga de trabalho.

Compreendemos que todas estas questões salientadas, desde a saúde mental dos discentes e docentes até a precariedade da formação dos professores para atuarem de forma remota pode repercutir diretamente na qualidade de ensino, como bem evidenciado no fragmento a seguir:

Quadro 13: A qualidade do ensino.

A relação do governo com as políticas das universidades públicas, visto que a assistência estudantil permanece desigual e que é o principal entrave de se iniciar aulas no formato online. E principalmente como manter a qualidade dessas aulas, e como, enquanto aguardamos algum avanço, faremos para que nossa vida acadêmica e/ou profissional não pare, ou perca o ritmo. É necessário produzir, mas também é necessário ter infraestrutura adequada. (PARTICIPANTE 35)

Elaborado pelos autores (2022)

Apesar do caráter emergencial, o ensino não pode se estruturar em práticas sem qualquer tipo de planejamento e com improvisos, apenas para cumprir com a parte burocrática.

O primeiro desafio para planejar o processo de ensino durante a pandemia é partir de dados precisos quanto às condições das pessoas envolvidas no processo de ensino-aprendizagem. De que condições dispõem professores e estudantes para ensinar e aprender durante a pandemia no Brasil? Que estratégias de ensino são suportadas pela realidade de trabalho e de estudo existentes nessas instituições? O que é necessário levar em consideração e desenvolver para que o ensino durante a pandemia não se torne apenas um improviso ou um atendimento legal de normas, sem garantia de aprendizagens? (GUSSO et al., 2020, p. 8)

Paulo Freire (1976) já enfatizava a importância do diálogo reflexivo e da horizontalidade da relação professor e aluno; deixando o docente de ser um mero transmissor de conteúdo para se tornar um mediador das oportunidades educativas, promovendo trocas de experiências, suscitando questionamentos visando à participação ativa dos educandos, contribuindo para a realização de conexões com saberes que lhes são próprios, condescendendo a participação social e ampliando e transigindo o desenvolvimento, a criticidade e a autonomia de pensamento e ação.

Assim, é necessário refletir sobre a sala de aula como lugar de resistência aos modelos de políticas públicas de educação que vão em acordo com os ideais neoliberais, objetivando a padronização bancária das práticas de ensino-aprendizagem, relacionadas com o entendimento de um saber compreendido como concluído (POSO; MONTEIRO, 2021).

Houve ponderações entre as respostas da necessidade da união, da comunicação e da representatividade dos discentes para o enfrentamento destes desafios:

Quadro 14: União entre os discentes.

[...] Outra coisa que me chamou atenção também foram as falas sobre o movimento estudantil e a organização para que a gente lute por nossos direitos e lute uns pelos outros. Lutando para que a assistência estudantil e auxílios não sejam perdidos e que não haja evasão na faculdade. (PARTICIPANTE 24)

É de estrema necessidade que todo corpo discente se mantenha unido nesse momento pandêmico, onde as instituições públicas vêm sofrendo com os ataques a democracia, cultura e educação. Precisamos juntos pensar em mecanismos de defesas e no projeto da universidade que queremos. Uma universidade que tenha um diálogo mais aberto e de fácil entendimento com a sociedade no geral. (PARTICIPANTE 36)

Elaborado pelos autores (2022)

É por meio desta união que poderá ocorrer a devida inserção de todos neste espaço (não operando a favor da ideologia dos governantes que anula ou abandona alguns a própria sorte), que poderão ser pensadas conjuntamente as melhores estratégias de superação dos problemas emergidos, que poderá suscitar debates contra o conservadorismo que insiste na eliminação das diferenças; ou seja, tentar buscar uma reorganização do ensino superior num processo interativo, dialógico, participativo, coletivo e democrático.

Por fim, outro ponto mencionado pelos cursistas esteve relacionado com a transparência da informação para a sociedade.

Quadro 15: A interação entre a universidade e a população.

Para mim, um aspecto se destacou, a fala do palestrante, quando ele mostra o quanto a UFRJ continua viva nesse período pandêmico, por meio das atividades de pesquisa e extensão, que buscam cada vez mais se popularizar e romper o espaço da universidade, adentrando na vida da sociedade como um todo. (PARTICIPANTE 34)

Gostei do fato de enfatizar que a universidade é pública e deve ser democrática ampliando seus horizontes a comunidade, a importância do conhecimento científico principalmente para combater as fakes news ainda mais nesse momento tão delicado, achei relevante os projetos que os discentes têm na universidade. Não podemos nunca deixar diminuir o acesso a esses conhecimentos. (PARTICIPANTE 71)

Elaborado pelos autores (2022)

Durante a pandemia várias universidades federais disponibilizaram um site (como, por exemplo, o <https://coronavirus.ufrj.br/>), promovido pela UFRJ), dando suporte à comunidade, combatendo a *fake News*, informando, atualizando as notícias, propagando pesquisas e avanços científicos e embasando as deliberações do poder público. Acrescentamos a necessidade desta porosidade para a população, pois não adiantaria a universidade ficar se encastelando, pensando em problemas que ela julga serem importantes e desconsiderar as questões do dia a dia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As transformações no cenário mundial verificadas na esfera da saúde, em decorrência de uma pandemia sem precedentes, têm refletido de uma forma em geral nos

âmbitos social, político, econômico e educacional. Elas vêm atingindo os quatro cantos do planeta, porém com proporções diferentes.

Nesta complexa conjuntura, foi oportunizado um curso de extensão intitulado “A universidade pública vive: atuação transformadora em tempos pandêmicos”, que representou uma estratégia de articulação da tríade ensino, pesquisa e extensão, promovendo debates e reflexões sobre as questões relacionadas à vida universitária e ampliando o diálogo entre a população e a comunidade local com outros atores de outras regiões e instituições, no sentido de promover trocas de saberes e vivências.

Apresentamos neste trabalho, os desdobramentos da videoconferência designada “Os desafios da vida discente em tempos pandêmicos”, bem como as ponderações promovidas pelos cursistas no transcorrer das atividades.

Os participantes refletiram sobre a infodemia dos dados, a crise financeira, a saúde mental dos acadêmicos, a qualidade do ensino, a adaptação ao uso de tecnologias, a exclusão de alguns discentes por conta da falta de equipamentos e/ou banda larga de qualidade, o sucateamento que as universidades públicas vêm enfrentando, a realidade das mulheres estudantes, o imperativo da produtividade no meio acadêmico e por fim, ressaltaram a importância dos discentes se unirem no intuito de buscarem soluções conjuntas para o enfrentamento da problemática supracitada.

Compreendemos que esta crise sanitária impôs restrições e modificou a rotina da sociedade. No campo das atividades acadêmicas, temos a concepção que a urgência para a implantação do Ensino Remoto Emergencial, com delimitações de tempo, carência de planejamento, de capacitação e apoio técnico para a oferta das disciplinas; assim como as tensões, conflitos, ansiedades e inseguranças frente às expectativas futuras e as adversidades no ambiente doméstico possam ter comprometido a qualidade do ensino.

Esta crise também desvelou o *apartheid* digital vivenciado por muitos estudantes brasileiros desde a educação básica até o ensino superior, com falta de equipamentos adequados e de faixa larga de banda; assim como o não letramento digital para acessar as aulas remotas.

Finalizamos com o entendimento de que o atual cenário implica no cuidado do poder público com dedicação iminente a ser utilizada pelas inúmeras áreas de

conhecimento, com o propósito de reduzir os danos na saúde mental da população; bem como pensar em estratégias dos rumos da educação brasileira após pandemia.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70 Ltda, 2002.

BARDAGI, Marucia; HUTZ, Claudio Simon. Evasão universitária e serviços de apoio ao estudante: uma breve revisão da literatura brasileira. **Psicologia Revista**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 279-301, 2005.

BEZERRA, Kelianny Pinheiro *et al.* Ensino remoto em universidades públicas estaduais: o futuro que se faz presente. **Research, Society and Development**, v. 9, n.9, p. 1-17, 2020.

CAMPOS Claudinei José Gomes. Método de Análise de Conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 57, n. 5, p. 611-614, 2004.

CANDIDO, Marcia Rangel; CAMPOS, Luiz Augusto. Pandemia reduz submissões de artigos acadêmicos assinados por mulheres, **Blog DADOS**, 2020. Disponível em: <http://dados.iesp.uerj.br/pandemia-reduz-submissoes-de-mulheres/>. Acesso em 6 nov. 2021.

COLARES, Anselmo Alencar. A educação superior e os desafios da prática docente. **Revista Exitus**, v. 8, n. 1, p. 17-33, 2017.

DIAS, Érika; PINTO, Fátima Cunha Ferreira. A Educação e a Covid-19. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v.28, n.108, p. 545-554, 2020.

DIAS, Valéria. **Como reorganizar a rotina pode ajudar sua saúde psíquica na quarentena**. Disponível em <https://jornal.usp.br/ciencias/como-reorganizar-a-rotina-pode-ajudar-sua-saude-psiquica-na-quarentena/>. Acesso feito em 07 de dezembro de 2021.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios contínua: acesso à internet e à televisa e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2018**. 2020. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101705>. Acesso em 8 nov. 2021.

FERREIRA, Suiane Costa. Apartheid digital em tempos de educação remota: atualizações do racismo brasileiro. **Interfaces Científicas – Educação**, 10, n. 1, p. 11-24, 2020.

FONAPRACE - Fórum de Pró-reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis. **V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as). Graduandos (as) das IFES – 2018.**

Disponível em: <https://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2019/05/V-Pesquisa-Nacional-de-Perfil-Socioeconomico-e-Cultural-dos-as-Graduandos-as-das-IFES-2018.pdf>.

Acesso em 10 de ago. 2021.

FOUCAULT, Michael. **Vigiar e punir: o nascimento da prisão.** Petrópolis: Vozes, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALHARDI, Cláudia. Pereira et al. Fato ou Fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia da Covid-19 no Brasil. **Ciências & Saúde Coletiva**, p. 4201-4210, 2020

HENRIQUES, Cláudio Maierovitch Pessanha; VASCONCELOS, Wagner. Crises dentro da crise: respostas, incertezas e desencontros no combate à pandemia da Covid-19 no Brasil. **Estudos Avançados**, v. 34, n. 99, p. 25-44, 2020

MENDES, Rosana Maria; MISKULIN, Rosana Giaretta Sguerra. A Análise de Conteúdo como uma metodologia. **Cadernos de Pesquisa**, v. 47, n. 165 p.1044-1066, 2017

MOZZATO, Anelise Rebelato ; GRZYBOVSKI, Denize. Análise de Conteúdo como Técnica de Análise de Dados Qualitativos no Campo da Administração: Potencial e Desafios. **RAC**, Curitiba, v. 15, n. 4, p. 731-747, 2011

NÓVOA, Antonio. A pandemia de Covid-19 e o futuro da Educação. **Revista Com Censo #22**. Volume 7. Número 3. Agosto, 2020. Disponível em:

<http://periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/905/551>. Acesso em: 11 jun. 2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE - OMS. **Programme on Mental Health. WHOQOL User Manual.**1998. p. 1-106. Disponível em <https://www.who.int/tools/whoqol>. Acesso em 10ago. 2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE - OMS. **Atualização epidemiológica semanal no COVID-19 (10 de agosto de 2021).** Disponível em <https://www.who.int/publications/m/item/weekly-epidemiological-update-on-covid-19--10-august-2021>. Acesso em 12 ago. 2021.

ORNEL, Felipe *et al.* “Pandemic fear” and COVID-19: mental health burden and strategies. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 42, ed. 3, pp. 232- 235. 2020.

PIMENTA, Selma Garrido. Pesquisa-ação crítico-colaborativa: construindo seu significado a partir de experiências com a formação docente. **Educação e Pesquisa**, v. 31, n. 3, p. 521–539, 2005

POSO, Fabiana de Freitas; Monteiro, Bruno Andrade Pinto. A perspectiva decolonial nos cursos de formação de professores: uma revisão de literatura. **Revista Pedagógica**, v. 23, p. 1-18, 2021.

RAMIRES, Vera Regina. Cognição social e teoria do apego: possíveis articulações. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 16, n. 2, p. 403-410, 2003.

ROCHA, D.; DEUSDARÁ, B. Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória. **Alea**, v. 7, n. 2, p. 305 – 322, 2005.

RODRIGUES, Bráulio *et al.* . Aprendendo com o Imprevisível: Saúde Mental dos Universitários e Educação Médica na Pandemia de Covid-19. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 44, p. 1-5, 2020.

ROSA, Alexandre Reis. "Nós e os índices": um outro olhar sobre a pressão institucional por publicação. **Revista de Administração de Empresas**, v. 48, n. 4, p. 108-114, 2008.

SANTOS, Edméa O. EAD, palavra proibida. Educação online, pouca gente sabe o que é. Ensino remoto, o que temos para hoje. Mas qual é mesmo a diferença? #livesdejunho... **Revista Docência e Cibercultura**. Notícias. 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/announcement/view/1119> . Acesso em: 28 jun. 2021.

SILVA, Ellery Henrique Barros; NETO, Jerônimo Gregório Silva; SANTOS, Marileide Chaves. Pedagogia da pandemia: reflexões sobre a educação em tempos de isolamento social. **Revista Latino-Americana de Estudos Científicos**, v. 1, n. 4, p. 29 – 44, 2020.

SILVA, Fabiane Ferreira; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Trajetórias de mulheres na ciência: "ser cientista" e "ser mulher". **Ciência & Educação**. v. 20, n. 2, p. 449-466, 2014.

VASQUES, D. G.; OLIVEIRA, V. H. N. Iniciação científica na pandemia: uma análise dos estudos remotos ao Ensino Fundamental. **Interfaces Científicas - Educação**, v. 10, n. 1, p. 164 – 179, 2020.

Enviado em: 15-03-2022

Aceito em: 25-09-2022

Publicado em: 26-06-2023